



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB – CAMPUS IV  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**SARAH KAYSLLANNE DA SILVA NOBRE NOGUEIRA**

**A POSIÇÃO DO NARRADOR E O FLUXO DE MEMÓRIA EM *DOIS IRMÃOS DE*  
MILTON HATOUM**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2015**

**SARAH KAYSLLANNE DA SILVA NOBRE NOGUEIRA**

**A POSIÇÃO DO NARRADOR E O FLUXO DE MEMÓRIA EM *DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM***

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentando ao Departamento de Letras e Humanidade – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora:

Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

**Catolé do Rocha - PB  
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N778p Nogueira, Sarah Kaysllanne da Silva Nobre.

A posição do narrador e o fluxo de memória em Dois Irmãos de Milton Hatoum [manuscrito] / Sarah Kaysllanne da Silva Nobre Nogueira. - 2015.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Dois Irmãos. 2. Narrador. 3. Memória. I. Título.

21. ed. CDD 400

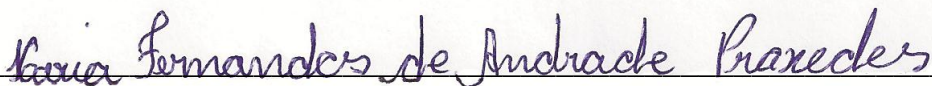
SARAH KAYSLLANE DA SILVA NOBRE NOGUEIRA

A POSIÇÃO DO NARRADOR E O FLUXO DE MEMÓRIA EM *DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM*

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentando ao Departamento de Letras e Humanidade – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

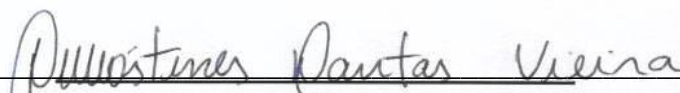
Aprovada em 17 de junho de 2015

**BANCA EXAMINADORA**



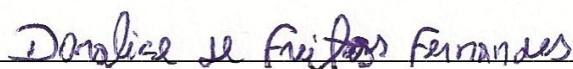
Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Orientador(a) – UEPB/CAMPUS IV



Prof. Me. Demóstenes Dantas Vieira

Examinador(a)



Profa. Ma. Doralice de Freitas Fernandes

Examinador(a)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. Ele que é o maior mestre, me concedeu o dom do conhecimento.

À Universidade Estadual da Paraíba Campus IV, pela oportunidade de fazer o curso, como também seu corpo docente, direção e administração.

À minha orientadora Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, pela orientação, apoio e confiança, pelos encaminhamentos, dedicação e esforço para que eu concluísse mais essa etapa.

Agradeço a todos os professores do Campus IV da UEPB por me proporcionar o conhecimento, não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional. Agradeço a dedicação e carinho com que ministram suas aulas a cada dia e fazem da nossa jornada acadêmica também agradável e aprazível ao coração.

Agradeço à minha mãe Maria das Graças, heroína que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao meu pai Francisco de Souza que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu, o que para mim foi muito importante.

Obrigada, minha irmã Francisca Maria! Agradeço porque você me fazer entender que o futuro é feito dia após dia, com dedicação, esforço e amor!

Agradeço ao meu esposo Rodolfo Nogueira, a pessoa com quem amo compartilhar a vida. Com você tenho me sentido cada dia mais viva, mais amada. Obrigada pelo carinho, a paciência, amor e capacidade de me trazer paz nas inconstâncias da vida.

Agradeço aos meus filhos Antony Isaac e Rodolfo Filho que mesmo pequeninos me fortaleceram nessa caminhada.

Obrigada vovó Maria Sinezia e Vovó Maria Nogueira, pela ajuda nessa trajetória.

Obrigada primos e tios, pela contribuição valiosa. Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

A Deus, que é o autor da minha fé. Eu não seria nada sem ele. À minha família, por sempre acreditar em mim. Mãe, seu cuidado e dedicação me deram esperança e força para seguir em frente. Pai, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada. Ao meu esposo, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades. Aos meus filhos, que embora não tivessem conhecimento disto, iluminaram minha vida de maneira especial. Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante. A todos que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo isto tudo valer a pena, DEDICO.

Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final.

(Milton Hatoum)

# A POSIÇÃO DO NARRADOR E O FLUXO DE MEMÓRIA EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

Sarah Kaysllanne da Silva Nobre Nogueira<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico e análise literária, se debruça sobre a análise do romance *Dois Irmãos* de Milton Hatoum que, por sua vez, envolve os leitores ao retratar o enigma da identidade do pai de Nael que se constitui narrador-personagem da obra. O nosso aporte teórico foi constituído através das contribuições de Benjamin (1985), Adorno (2003), Bakhtin (2000), (1986/1993), Toledo (2004/ (2006), Candido (1989), Alberti (2006), Lowenthal (1988), entre outros. A princípio, vale ressaltar que o narrador da obra se utiliza da memória dos personagens para conduzir a narrativa, sendo a voz dele mesmo aquela que predomina sobre a narração dos fatos. Posto isso, o presente trabalho adota como objetivo analisar o papel da memória na construção e na posição do narrador de *Dois irmãos* de Milton Hatoum, como uma ferramenta utilizada por ele para convencer o leitor sobre o seu ponto de vista acerca da realidade. O fato de o narrador não ter conhecimento sobre a sua identidade paterna o leva a uma busca cheia de conflitos, através da qual ele se utiliza da memória de outros personagens para convencer o leitor do seu ponto de vista, ou seja, sobre quem seria o seu pai, Yaqub ou Omar.

**Palavras-chave:** Dois Irmãos. Narrador. Memória.

## Algumas palavras iniciais

O romance *Dois Irmãos - D<sup>2</sup>*, de Milton Hatoum - MH<sup>3</sup>, foi publicado pela primeira vez no ano 2000. A narrativa centra-se no conflito entres os irmãos gêmeos Omar e Yaqub que são filhos de Zana e Halim, imigrantes libaneses que se mudam para Manaus na primeira metade do século XX motivados pela procura de melhores condições de vida.

Esse processo de imigração apresentado no romance é situado historicamente pelas ações e falas do personagem Galib, pai de Zana, pois o

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.

<sup>2</sup> Utilizaremos para nos referirmos à obra *Dois irmãos*.

<sup>3</sup> Será usada quando nos referirmos ao autor Milton Hatoum.



mesmo chega em Manaus, quando viúvo, com o intuito de se instalar nos anos de 1914 o restaurante Biblos “[...] ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos [...]” de cuja “[...] algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo [...]” (HATOUM, 2006, p. 47-48). Antes dos filhos nascerem e após o casamento, Zana e Halim recebem na sua casa, a índia Domingas que, por sua vez, vinha de um orfanato para residir com o casal e, por conseguinte, ser a empregada.

Nael, o narrador da obra, é filho de Domingas e a sua paternidade era desconhecida, ou pelo menos é o que ele quer que leitor acredite. De acordo com as informações apresentadas por este narrador, peça fundamental no desenvolvimento da trama, há inúmeras irregularidades na relação da família libanesa com a empregada Domingas, sobretudo no que tange a ligação afetiva com os gêmeos. O desfecho surpreendente coloca o leitor diante de fatos intrigantes e, por vezes, duvidosos. Um deles é a possibilidade de o narrador ser filho de um dos filhos de Zana, visto que o filho de Domingas rememora o passado e, paulatinamente, vai enredando e desvendando mistérios e revelando segredos antes presos, amarrados e trancados a sete chaves. Teria Domingas tido relações sexuais com Omar e Yaqub?

Após um longo período trabalhando como serviçal na/da família, Nael começa a questionar-se sobre sua paternidade. Ele traz à tona relatos, que são mais retalhos, das memórias da família. Memórias que se materializam através de sua narrativa e que encontra resquícios daquilo que seu avô lhe contava, e também sua mãe (Domingas). E aqui se apresenta a problemática da nossa pesquisa, como o narrador postula verdades sobre si e sobre o outro a partir da interpretação de relatos da família, de fatos que ele não experimentou ou vivenciou.

Nesse sentido, considera-se relevante analisar o papel da memória na construção e na posição do narrador de *DI*, como uma ferramenta utilizada por ele para convencer o leitor sobre o seu ponto de vista acerca da realidade. Para entender a relação entre memória e narrativa literária é preciso compreender o fluxo da memória a partir do narrador, atentando para os mecanismos narrativos que subscrevem as impressões do narrador como fruto do processo de busca de uma identidade paterna.

Com relação à nossa metodologia, utilizamos a Pesquisa Bibliográfica e Análise do Romance como métodos procedimentais, com abordagem qualitativa em

que se propôs *descrever e explorar*<sup>4</sup> o papel da memória na construção do narrador. Dessa forma, é interessante destacar a Análise do Romance com foco no narrador e na memória.

O nosso trabalho está dividido em quatro momentos: o primeiro, “Milton Hatoum e a obra *Dois Irmãos*” traz uma breve apresentação acerca do autor e sua produção literária; o segundo “O Papel da Memória e a Narrativa Literária”, tece algumas considerações sobre o conceito de memória e a relação entre memória e narrativa literária; o terceiro “A Construção da Narrativa em *Dois Irmãos*”, analisamos as predileções de Nael com relação a sua paternidade e a representação da figura materna (Domingas) feita pelo narrador, representação diretamente ligada às suas angústias com relação ao direito da identidade paterna que lhe foi negado e a quarto momento denominado de “O Fluxo de Memória como Mecanismo de Persuasão do Narrador”, discute os mecanismos através dos quais o narrador se utiliza do fluxo de memória para persuadir o leitor com relação às suas predileções paternas. Para tanto, procuramos entender como ele se utiliza da memória de outras pessoas para induzir o leitor a acreditar que o seu pai era Yaqub.

Diante disso, é relevante frisar que o presente trabalho se faz de suma relevância pelo seu caráter reflexivo acerca de todas as nuances que envolvem o narrador do romance contemporâneo e as nuances através das quais ele constrói os acontecimentos.

Outra contribuição dessa pesquisa refere-se à análise feita acerca de como alguns problemas ou conflitos familiares e sociais são representados e retratados pela literatura, além de problematizar a relação entre narrativa, memória e identidade. Por fim, ele também se justifica pela necessidade de inclusão da literatura contemporânea no rol dos estudos acadêmicos, das obras literárias à margem do cânone.

### **Milton Hatoum e a obra *Dois Irmãos***

Milton Hatoum nasceu em Manaus e é considerado pela crítica como um dos grandes escritores brasileiros da contemporaneidade. É professor, romancista,

---

<sup>4</sup> Segundo Marcone e Lakatos (2004), a pesquisa descritiva adota como princípio a descrição de determinada população ou fenômeno, enquanto que a pesquisa exploratória está associada ao aprofundamento dos fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência do fenômeno.

contista, tradutor e um colecionador de prêmios literários. Conclui os seus estudos secundários em Brasília aos 15 anos de idade e se formou em Arquitetura pela USP. No ano de 1980 se torna bolsista do Instituto Ibero-americano de Cooperacion e decide viver na Espanha. Posteriormente, cursa sua pós-graduação na Universidade de Paris III. Depois, decide voltar para Manaus onde passa a ser professor de Literatura francesa e brasileira. Porém, no fim da década de 1990 volta para São Paulo com o objetivo de terminar o seu Doutorado em Teoria Literária na USP, local onde atualmente se encontra estabelecido.

Os livros: *Relato de Um Certo Oriente* (1990), *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008) já venderam mais de 200 mil exemplares sendo traduzidos em oito países. Sua primeira obra (*Relato de Um Certo Oriente*) recebeu o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro e com *Cinzas do Norte* recebeu o premio Portugal Telecom Literatura.

Em 2009, MH publicou, pela Companhia das Letras, um livro de contos intitulado *A cidade ilhada* e, em 2008, lançou pela Cosac Naifty, *Três Contos de Gustave Flaubert*, que se configurou em uma tradução dividida com Samauel Titan Jr. A obra *Dois Irmãos* é o segundo livro de Milton Hatoum, entrou para lista dos melhores livros da literatura brasileira contemporânea.

No ano de 2008 escreve *Órfãos do Eldorado*, pela Companhia de Letras, e obteve o mesmo sucesso e elogios da crítica literária. MH marca a literatura brasileira ao se destacar com a utilização de personagens edificados pelas relações de (des)afetos, dos tempos narrativos, da complexidade das vozes narrativas, da ambivalência das ações e sentimentos e da realidade socioeconômica de Manaus, em um período de grande imigração, da linguagem sedutora e “[...] minimalista, que, a exemplo de dois mestres brasileiros desse estilo (Machado de Assis e Graciliano Ramos), podemos associar com Flaubert” (WILLIAMS, 2007, p.166).

A obra *DI*, que aqui nos interessa em especial centra-se na chegada de libaneses a Manaus e dentre os diversos imigrantes encontram-se Zana e seu pai Galib que empreendem na construção de um restaurante de comida tradicional libanesa, o Biblos. Depois de algum tempo, Halim, outra personagem libanesa, também imigrante, declara o seu amor por Zana. Deveras apaixonado, embora fosse muito envergonhado, ele se casar com a jovem libanesa.

Zana desejava ser mãe e queria ter três filhos que, por sua vez, não era do agrado de Halim. A relação conjugal resulta no nascimento de 3 filhos, os dois

primeiros, gêmeos, que receberam os nomes de Yaqub e Omar e, posteriormente, o nascimento de Rânia, a filha caçula da família. A medida que avançamos na narrativa somos surpreendidos por outras personagens emblemáticas, como é o caso de Domingas, uma índia que passa a morar na casa dos libaneses mesmo contra a vontade de Halim, pois o mesmo que a índia pudesse atrapalhar a sua eterna “núpcias” com Zana. Domingas, segundo relato do narrador, sofria maus tratos em um orfanato, Zana e Halim a acomodaram em uma casa nos fundos do quintal e a agregaram à família em troca de serviços domésticos.

## **O PAPEL DA MEMÓRIA E A NARRATIVA LITERÁRIA**

### **2.1 Afinal, o que é memória?**

Para entendermos o conceito de memória adotamos as reflexões de David Lowenthal (1998) que escreve sobre a relação entre as nossas memórias, o passado e a narrativa. Em *Como conhecemos o passado*, Lowenthal faz algumas considerações sobre os caminhos possíveis para a compreensão do passado que, segundo ele, pode ser conhecido através de três fontes: *a memória, a história e os fragmentos*<sup>5</sup> (nome dado por ele às relíquias). Entendê-lo é, portanto, suscitar conhecimentos da psicologia (a memória), da história e da arqueologia. Vale ressaltar que em suas considerações, Lowenthal (1998) também discorre sobre a narrativa literária, que segundo ele perpassa a memória, a história e também a arqueologia.

Toda tentativa de narrar fatos da nossa história perpassa a memória (LOWENTHAL, 1998) e, portanto, exige-nos uma reflexão mais apurada da sua própria natureza. Segundo Lowenthal (1998) a memória pode ser entendida através de dois aspectos: a memória individual e a memória coletiva. A memória é pessoal à medida que está associada às experiências individuais, é sempre algo que aconteceu com o indivíduo, que foi sentido, visto, experienciado. Ela é tida como categoria da experiência. Vale também ressaltar que a memória faz de acontecimentos públicos experiências pessoais idiossincráticas.

---

<sup>5</sup> Conforme escreve Lowenthal (1998), existem três formas de se conhecer o passado, a memória, a História e os fragmentos. Ambos passam pelo processo da narração, tendo a memória a primazia no processo de conhecimento do passado, é somente através dela que o indivíduo constitui-se enquanto sujeito inserido em um espaço e grupo social.

As conexões com o passado, realizadas através da memória pessoal, nos faz ligar o nosso passado à *memória coletiva* e a história pública, tendo em vista que com o passar do tempo, necessitamos das lembranças do outro para validar as nossas próprias e assim também para lhes dar continuidade. Entrelaçar as lembranças nos faz adequar o passado coletivamente, é o que lembra (LOWENTHAL, 1998). Vale também ressaltar que, em muitos casos, a nossa memória se filia a memória de outros para construir discursos de verdade.

A priori, vale ressaltar, a problemática da narrativa como uma invenção e porque não dizer uma reinvenção da realidade. Bradbury (*apud* LOWENTHAL, 1998, p. 71) fala sobre o passado como uma suposta invenção, sobre o temor de “que grande parte do que lemos tenha sido inventado”. A narrativa do passado não seria, portanto, uma “ficção”? (LOWENTHAL, 1998). A postura que adotamos, aqui, neste trabalho é a construção dúbia do passado e da narrativa, “devido à sua real ausência, inacessível embora conhecido.” (LOWENTHAL, 1998, p. 75), como acontece na narrativa de MH (2006) em que o narrador escreve sobre fatos que ele não presenciou.

Embora não tenha presenciado, o narrador de *DI* “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”. (BENJAMIN, 1985, p. 201). De acordo com as propositivas de Benjamin o narrador incorpora os fatos narrados à experiência dos seus ouvintes, no caso específico de Nael, ele narra para o leitor aquilo que sabe por ouvir dizer. Deste modo, segundo Dal Farra (1978, p. 24), “a visão que leva o leitor a compreender o mundo que lê e a participar dele *não* é fundamentalmente a utilizada pelo narrador, ou seja, o ponto de vista de quem conta a história surge como um ponto de referência para o leitor, que pode a partir dessa alusão pode reelaborar os fatos, ainda que não sejam verdadeiramente os únicos possíveis.

Para entendermos essa dualidade, apresentaremos algumas considerações sobre a memória com relação à narrativa e, por conseguinte, como instrumento para conhecermos o passado. A memória é de conhecer o passado por excelência, pois mesmo a História e o entendimento social é fruto de uma construção psíquica da mente, da necessidade de lembrarmos o que aconteceu, de o refazermos para que possamos entender o presente e a nós mesmos. A memória está ligada diretamente a construção da nossa identidade (LOWENTHAL, 1998)). Para Benjamin (1985), a memória é a mais importante de todas as faculdades. A virtude de contar o que a memória guardou durante 30 anos, revela um saber que vem de longe, de um tempo que passou lentamente. .

Segundo Lowenthal (1998), através da memória o passado é filtrado, destilado, revisado. Separa-se inconscientemente aquilo julgado relevante pelo indivíduo. O passado através das lembranças é uma leitura e releitura, que filtra e altera as lembranças. Refletindo sobre essa questão, Alberti destaca que:

Um acontecimento vivido não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele se constituiu (no sentido de tornar-se algo). Ao contar as experiências, o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. (ALBERTI, 2006, p. 171)

Nesse sentido, aquilo que acreditamos, em muitos casos, não advém daquilo que experienciamos, mas daquilo que nos foi contado (LOWENTAL, 1998), como é o caso do Nael, narrador de *DI*, que se utiliza de narrativas de outrem para sustentar um ponto de vista sobre a sua identidade paterna.

Acerca do que venha ser identidade, Bauman (2005) traz uma reflexão bastante relevante ao utilizar a metáfora do jogo de quebra-cabeça para explicar a construção da identidade. Para ele, a identidade seria formada como que por diversas peças, de pedaços. Entretanto, diferentemente deste jogo, o quebra-cabeça da identidade é sempre inacabado, incompleto no qual não colocamos um ponto final. Devemos, portanto, compreender a identidade como algo “ao qual falem muitas peças (e jamais se saberá quantas)”, acrescenta (BAUMAN, 2005, p. 54).

Dessa forma, é importante salientar que enquanto no jogo de quebra-cabeça a atividade é “direcionada para o objetivo” que, por sua vez, é montar uma imagem totalmente pronta, no caso da identidade a tarefa é “direcionada para os meios”, para o próprio processo (BAUMAN, 2005, p. 55). Sendo a identidade uma busca constante.

Diante disso, em relação ao romance *DI*, podemos afirmar que a inquietação de Nael acerca de quem venha ser seu pai constitui-se parte da busca de si mesmo, o conhecimento de si, do quebra-cabeça que compõe a si enquanto sujeito. A paternidade pode ser compreendida, neste caso, como um pedaço que precisa ser encaixado e encontrado, pois a dúvida constitui a sua identidade, e a resposta poderia lhe trazer as respostas e transformações desejadas em si mesmo, como o reconhecimento paterno, amor e afeto.

Assim, a narrativa é subjetiva, pois “é apresentada por um narrador definido que pode ser uma testemunha ou uma personagem que foi colocada a corrente da narração por outros personagens, devendo sempre explicar ao leitor como tomou conhecimento dos fatos que narra” (DAL FARRA, 1978, 30). Deste modo, as

experiências narradas não são, propriamente, experiências vividas pelo narrador, mas vividas pelas outras personagens do romance de MH. Nael toma a posição de contador de história, embora faça suas intervenções como se pedisse ajuda ao leitor para descobrir qual dos gêmeos é seu pai.

Conforme proposições de Lowenthal (1998) a troca de experiências e de lembranças tende a proporcionar a sustentação de “identidades associativas”. Na busca de si, o sujeito tende a utilizar-se da memória para encontrar um lugar no mundo. Para tanto, ele se associa ao outro de forma simbólica e também empírica. Nesse sentido, a percepção da memória é fundamental para a constituição da identidade. A memória é compreendida por Lowenthal (1998) como a fonte de nossa identidade pessoal, através da qual os indivíduos se definem.

## 2.2 Memória e narrativa literária

De certa forma, o papel do narrador perpassa uma construção memorialista, seja ela uma narrativa psicológica ou mesmo cronológica. O leitor, segundo Bakhtin (2000), percebe-se em meio a um “discurso monológico” e à dogmatização da narrativa e constrói-se como interlocutor que interpreta as memórias do narrador, cabendo a ele decidir sobre os mistérios e incógnitas da narrativa, como ocorre em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Afinal, houve ou não traição? Cabe ao leitor interpretar as memórias daquele que narra a história, o narrador Bentinho.

Por outro lado, conforme aponta Bakhtin (2000), se o indivíduo coloca-se na posição de narrador, ele é levado a se colocar também em relação ao outro, pois é notório que o plano em que emergem os outros personagens é construído a partir de um mesmo plano em que o narrador conduz o leitor a partir de seu ponto de vista.

Ainda sobre esse aspecto, Bakhtin (2000) enfatiza a relevância do papel do “outro” na construção da consciência individual, no caso, não só do narrador. Pensando esse desdobramento, ele defende que a visão de nós mesmos só pode ser construída a partir da visão que temos do outro e da visão que ele possui de nós. À vista disso, pensar a narrativa, é pensar também a construção das personagens a partir do narrador, visto que é através delas que o narrador também se constitui. Nesse sentido, vale lembrar os postulados de Porto acerca do papel do outro para a constituição de nós mesmo:

O ato criador e o papel do “outro” no acabamento da consciência individual e, para explicar essa “exotopia”, parte do mais simples: a compreensão de que não poderemos jamais ver a nós mesmos sem o excedente de visão de um outro, que nos enxerga a incompletude e dela e por ela sente, vive – “amor, espanto, piedade, etc.” – que pode ter para conosco (PORTO, 2011, p. 195)

Desta forma, a narrativa só é possível se o narrador se posiciona como sujeito constituído pelo outro, pelas relações sociais que possibilitam a busca e/ou o encontro ou percepção de si. Nesse sentido, a narrativa coloca o narrador “sempre no entorno e no centro, pois o sujeito que narra não conta a história de si mesmo sem narrar a história dos que viveram com ele, dos que lutaram com ele, dos que caíram com ele, dos que foram silenciados com ele, dos que voltaram a falar com e através dele” (BAKHTIN, 2000, p.50). Nesse sentido, pode-se também inferir que

[...] o sujeito que narra literariamente num determinado Tempo é Espaço, dilatado ele também como um coletivo de vozes, um ser plural, uma legião, pois dele ouviremos e/ou leremos as ressonâncias de um ou vários grupos sociais com os seus mais distintos signos, toda uma poética que, singular, é plural. (Porto, 2011, p. 200)

Por conseguinte, a criação do outro em torno de si (no caso, do narrador), traz à tona o papel da memória, pois “nenhum observador do passado pode despojar-se de seu próprio conhecimento e de suas suposições” (LOWENTHAL, 1998, p. 113). Narrar é, portanto, supor. É um ponto de vista sobre a realidade, e como toda narrativa, será tão real quanto à capacidade do narrador de convencer o interlocutor. Para tanto, ele se utiliza de recursos distintos.

A respeito dessa questão, Adorno (2003) afirma que no romance contemporâneo a construção não se dá a partir da objetividade e clareza, como nas epopeias. A representação realizada se dá mediante uma construção ambígua e irônica, através da qual o narrador se utiliza de sutilezas para convencer o leitor de verdades, às vezes, não ditas diretamente.

Dessa forma, o que caracteriza o romance contemporâneo é a forma de narrar ou de construir o enredo. Ainda segundo Adorno (2003), o narrador do romance contemporâneo não se caracteriza naqueles somente pela descrição dos fatos e acontecimentos, especificando quais os papéis do leitor e do narrador, culminando em uma mera representação fechada dos fatos e em mero “contar dos acontecimentos”.

Para Adorno (2003), a essência do romance contemporâneo é a abstração e a ironia contempladas na construção do texto que, por sua vez, possibilita o convencimento. Em DI, por exemplo, podemos encontrar algumas dessas



características apresentadas por Adorno, que é perceptível nas reflexões acerca da identidade do pai de Nael, que mesmo no fim da narrativa não é identificado explicitamente. Talvez, esse seja o diferencial da obra. O paradoxo de uma narrativa que tem um fim em si mesma, cuja finalidade não é entregar as respostas e dar uma descrição fiel dos fatos, mas construí-los estilisticamente.

Segundo Lowenthal (1998), o romancista através da construção do narrador é um contador de histórias, um usuário da memória através da palavra. Os romances históricos, por exemplo, desempenham um importante papel na compreensão do passado. No século XIII, os romances já foram considerados pelos historiadores o guia mais confiável para a compreensão do passado, principalmente no século XVIII.

Segundo Lowenthal (1998) muitos acadêmicos se tornaram romancistas/narradores para melhor descrever o passado (Newman, Wiseman, Kingsley etc.). Nesse sentido, o narrador fala daquilo que subjaz a sua consciência e interpretação. A narrativa será, portanto, “facção” do passado (LOWENTHAL, 1998).

Partindo dessa compreensão, a literatura propicia a escrita das memórias, pensando nessas questões, tanto o autor/romancista como as memórias do próprio narrador. Se por um lado, a narrativa memorialística<sup>6</sup> pode ser compreendida como escritas “autobiografias poéticas e ficcionais, na medida em que, mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na no todo ou em parte como se fosse produto da imaginação” (CANDIDO, 1989, p.51-54), por outro lado, toda narrativa constitui-se uma construção memorialista, pois toda e qualquer narrativa se constitui a partir da memória daquele que a narra. Em todo o caso, o que pretendemos neste trabalho não é desenvolver uma análise a partir do da perspectiva do “Romance Memorialista”, pois não analisaremos as memórias do romancista, mas do fluxo de memórias do narrador, pensando-o como fruto da mimese e da construção literária.

Postulamo-nos na noção de que a narrativa literária é uma construção memorialista do narrador, que constrói um jogo discursivo, *vontade de verdade*<sup>7</sup>, um ponto de vista sobre os fatos narrados. Nesse sentido, a narrativa será “verdade tão quanto a sua capacidade do narrador em utilizar a linguagem, de convencer o outro

---

<sup>6</sup> Conforme escreve Cândido (1989), o Romance Memorialista tem origem na nossa literatura apenas na década de 80. Recebe esse nome, justamente, por misturar dados biográficos do autor, suas memórias, relatos e experiências com dados ficcionais.

<sup>7</sup> Expressão usada por Michel Foucault (1986) para designar o desejo de verdade presente nas produções discursivas.

de que aquilo é verdade” (LOWENTHAL, 1998, p. 180). Conforme defende Bakhtin (1986, p. 95) que “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.”

## **A CONSTRUÇÃO NARRATIVA EM DOIS IRMÃOS**

### **3.1 As predileções de Nael: que seja Yaqub**

Ao longo da narrativa de *DI*, Nael, narrador personagem, é assombrado pelo existencialismo e busca de si, de certa forma, de um autoconhecimento. As reflexões do narrador percorrem memórias sobre o questionamento da identidade paterna em torno da dúvida: quem dos dois irmãos Yaqub ou Omar era o seu pai?

A história é narrada em primeira pessoa e o narrador é responsável pelos recursos e discursos usados pelas personagens. De certa forma, os leitores passam a ficar a mercê da percepção de Nael, das perspectivas apontadas por aquele que conta a história. Entendemos que o narrador constrói um discurso monológico, através do qual ele se utiliza da persuasão para induzir o leitor a determinadas interpretações, que se dão através da sua mediação com relação às diversas culturas que o rodeia, indígena, brasileira, manauara e libanesa.

Embora o título da obra seja *Dois irmãos*, a narrativa não tem como tema principal e central os dilemas ocorridos entre os dois irmãos (Yaqub e Omar), tendo em vista que o foco narrativo é composto pela busca incessante da identidade do narrador, busca que perpassa a representação e os conflitos dos dois irmãos, possíveis pais de Nael. Isso é retratado por meio de um resgate da memória e a narração sobre a história da família que é efetivada por Nael. Através do poder de persuasão inerente ao narrador, ele utiliza-se da memória de terceiros para defender o seu ponto de vista sobre a paternidade que lhe foi negada.

A obra nos provoca algumas inquietações. Primeiramente, questionamos quem é o narrador Nael? O que ele tem a dizer sobre seu genitor? Essas questões nos levam a mergulhar no universo frustrado de Nael, das suas angústias e medos. Nesse sentido, o narrador tende a aproximar o leitor da história narrada por ele e por

meio do fluxo de memória ele constrói uma narrativa que por si só já constitui a sua própria busca.

Nael conta os fatos a partir do seu ponto de vista, de suas observações, afinal, o centro da narrativa ficcional é o próprio narrador (TOLEDO, 2006). E Nael utiliza-se bem desse poder, ao descrever as memórias de outrem ele nos induz a acreditar qual dos gêmeos é o seu pai.

É através dos olhos de Nael (o narrador) que conhecemos as personagens e o ambiente no qual a história ocorre. É através da utilização da memória individual que apreendemos um pouco acerca dos personagens, como nos alerta Lowenthal (1998) embora a memória seja uma mistura de acontecimentos pessoais e coletivos, a memória individual ou pessoal é caracterizada pelas vivências individuais, pelos acontecimentos presenciados individualmente, acontecimentos que foram sentidos e vividos, ou seja, a experiência é o aspecto fundante da memória individual.

Posto isto é importante inferir que o discurso utilizado por Nael nos induz a caracterizar e entender as personagens da forma como ele os via, discurso marcado por forte ideologia e, em função disto, acredita-se como bem defendeu Bakhtin (1989) que a palavra nunca é desprovida de significado, ela jamais é neutra.

O narrador da obra está envolvido em um vasta e complexa teia de emoções que o conduzem a se apropriar de determinada filiação paterna e, por esse motivo, ele não se isenta de julgamentos e predileções. Desse modo, as interpretações de Nael sobre os acontecimentos que, as vezes, nem ele vivenciou, são bastante tendenciosas. Segundo Toledo (2004, p.29) essa “visão” é algo próprio do narrador-personagem, tendo em vista que é a partir desse recurso que o leitor ou ouvinte terá a possibilidade de conhecer os personagens e o enredo da narrativa. Afinal, conforme escreve Bakhtin (1989) todo e qualquer discurso é marcado por uma posição ideológica.

O narrador atribui as características das personagens de acordo com o modo como as percebe e as enxerga, tais características ao serem vistas pelo narrador são influenciados pelos seus desejos mais profundos. Durante a exposição dos fatos o narrador deixa evidentes suas predileções, um exemplo disso na obra *Dois irmãos* ocorre quando no início do romance Yaqub é idealizado por Nael e é retratado como alguém de quem ele deseja ser filho:

Quando soube que ele ia chegar, senti uma coisa estranha, fiquei agitado. A imagem que faziam dele era a de um ser perfeito, ou de alguém que buscava a perfeição. Pensei nisso: se for ele o meu pai, então sou filho de um homem quase perfeito. A sabedoria dele não me intimidava, nunca tinha sido uma ameaça para mim. Eu o considerava um homem tenaz, respeitado em casa, a ponto de ser elogiado pelo pai. (HATOUM, 2000, p.111).

No decorrer dos acontecimentos, com o amadurecimento de Nael, a figura que ele tem de Yaqub se modifica um pouco, embora ele deixe evidente o ponto de vista de que sua personalidade soberba, orgulhosa e que a frieza e insensibilidade é fruto das relações familiares. Ele o observa ainda com um olhar filial, apesar de ser um olhar mais realista e amadurecido, conforme trecho abaixo:

Fiquei observando Yaqub, o seu semblante agora bem menos exasperado, o corpo ereto, todo ele recomposto. Lembrei-me da última vez que o tinha visto em casa, dos nossos passeios, e **senti medo da distância**, do longo tempo que havia passado sem vê-lo: o tempo que faz uma pessoa se tornar humilde, cínica ou cética. **Pensei que ele fosse se tornar mais arrogante, dono de muitas verdades e certezas, se não de todas. [...] Não perdera o ar soberbo: o orgulho de alguém que quis provar a si mesmo e aos outros que um ser rude, um pastor, um ra'í, como o chamava a mãe,** poderia vir a ser um engenheiro famoso, reverenciado no círculo que frequentava em São Paulo. Agora não queria ser chamado de doutor, sentia-se mais à vontade em casa, não vestia mais paletó e gravata. Tampouco se comportou como hóspede. Era um filho que volta à casa dos pais e ao lugar da infância. Ele matutava na rede quando o pai e a mãe chegara (HATOUM, 2000, p.195, Grifos nossos).

Em consonância com Toledo (2004) pensamos que o narrador, assim como Zana tentava amenizar as falhas de Omar, ele também tentava suavizar os erros de Yaqub. Um exemplo disso, é o momento em que o narrador descobre a traição Yaqub. O desejo de Nael de ser filho de Yaqub influenciou a descrição das personagens no decorrer da história. Omar, por sua vez, era mal visto pelo narrador. Ele o descreve com o uma pessoa rude, que muitas vezes, na ausência de Halim, “levantava a voz para ele” (HATOUM, 2000). É interessante ressaltar o sentimento vingativo que ele nutre, talvez não por Omar, mas pelo direito que lhe foi negado.

Em uma determinada situação, quando Omar é castigado por Halim e preso dois dias, Nael fica observando e cogita formas de soltá-lo, apesar de que ainda criança “não sabia da existência de maçaricos”, entretanto ele se angustiava, “só pensava, vagamente, em vingança. Mas, vingar-se de quem?” (HATOUM, 2000, p.93). O sentimento amargo da ausência paterna e o desejo de vingança intensificam-se quando o narrador descobre que Domingas (sua mãe) teria sido

estuprada por Omar. O que o faz sentir ainda mais desprezo por Omar, nutrindo o desejo de ser filho de Yaqub.

O fato de haver mais comentários e detalhes sobre Yaqub demonstra um indicativo de predileção por parte de Nael para com Yaqub. Descrição essa que privilegia as qualidades de Yaqub em quase toda a narrativa. Sua predileção é rompida quando Yaqub elabora planos para se vingar de Omar. A partir de então Nael passa a descrevê-lo de forma mais realista, embora ainda bastante afetiva.

Nael deixa de retratar Yaqub de forma idealizada, e chega a escrever sobre o “perigo e sordidez de sua ambição calculada” (HATOUM, 2000, p. 262). Se pensarmos o conflito e as emoções de Nael, Yaqub sempre leva vantagem com relação ao seu irmão Omar, porém por não haver provas concretas sobre quem verdadeiramente é seu pai, ele acaba afastando-se de ambos, embora seja notório todo o carinho que ele sente por Yaqub.

É interessante lembrar que o narrador utiliza-se não apenas de suas memórias, mas das memórias de outrem para defender seu ponto de vista. Assim, como ressalta Lowenthal (1998) em muitas situações ocorre uma relação e um entrelaçar da nossa memória com as lembranças do outro, no tocante que, essa relação indissociável entre a memória pessoal e a memória do outro culmina na (re)construção do passado narrado. Como Nael mesmo destaca, “eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia do rio” (HATOUM, 2000, p. 90-91). Percebe-se que a palavra em *DI* é confiada ao narrador, contar apenas o que ouviu na casa da família libanesa. Todavia, esse narrador ora se confunde com o narrador de terceira pessoa, visto que ele se camufla como consciência focais.

Conforme destacado, é relevante salientar que esses instantes de angústias de Nael traz um caráter intimista do romance, tendo em vista que o narrador não está somente contando determinados acontecimentos, mas está expondo seus sentimentos e suas emoções, ao mesmo tempo em que está dividindo com o leitor o seu sofrimento e sua visão sobre os personagens.

### 3.2 Uma personagem chamada Domingas

Quem é Domingas, segundo a ótica do narrador Nael? Ela era uma agregada que sofreu maus tratos em um orfanato e foi acolhida por Halim e Zana. Nessa

relação de acolhimento, a impressão inicial que o leitor tem sobre Domingas, que chegou muito jovem no seio da família libanesa, é de que ela deveria ser tratada como filha e, conseqüentemente, como irmã adotiva dos filhos de Zana e Halim. Contudo, essa expectativa é desconstruída quando o narrador, filho da empregada, coloca o leitor diante da relação afetiva da mãe e os gêmeos. Relação essa bastante problemática, do ponto de vista da consensualidade.

À medida que a história avança, o leitor passa a perceber que a relação de Domingas com a família aproxima-se muito da relação patrão/empregado, pois ela é tratada não como filha, mas como agregada cuja obrigação é fazer os mais diversos afazeres domésticos. Domingas teve relações sexuais com os dois filhos de zana. Segundo os relatos do narrador, a relação afetiva/sexual que Domingas mantém com Yaqub se dá no entendimento consensual de ambas as partes, já em relação a Omar, apontado na narrativa como um grande “mau caráter” e “vagabundo”, ela teria sido violentada. A trama de toda a narrativa se volta, sobretudo, para o conflito de Nael (narrador) que faz conjecturas sobre quem verdadeiramente é seu pai, Yaqub ou Omar.

O que nos chama atenção sobre a representação de Domingas, a princípio, é a ausência de vocábulos que a liguem como progenitora ao narrador. Podemos inferir que em alguns momentos da obra o narrador não se refere a Domingas de forma afetiva, e na maioria das vezes ela é sempre chamada pelo nome e não de mãe. Isso denota certo afastamento da personagem Nael com relação a sua progenitora, apesar do mesmo deixar evidentes os sentimentos, sentimentos de piedade e compaixão em alguns trechos da obra.

Além disso, parece-nos que Nael alimenta certa piedade por sua mãe, por ela ser tratada sempre como agregada, alguém explorada pela família e também abusada sexualmente. Há momentos em que o narrador é tomado por esse sentimento de “pena”, por também ser tratado como um agregado, exceto por Yaqub (na visão do narrador). Segundo ele, Domingas fora “entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança”. Alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo no fundo da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam seus sonhos de liberdade (HATOUM, 2000, p.67)

Diante dessas considerações é relevante frisar que a informação de quem possa a ser mãe do narrador não aparece no começo da narrativa. De acordo com Toledo (2004) quando Nael se envolvia de forma emocional com os acontecimentos,

por sua vez, ligados a cenas com Yaqub. Domingas era sua mãe, e quando não se tratava de Yaqub ele a descrevia de forma bastante objetiva o que a tornava apenas “Domingas”. Nesse processo de oscilar entre Mãe e Domingas o narrador nos leva a perceber a angústia por ele sentida em relação à identidade paterna que, por sua vez, é omitida/desconhecida.

As descrições feitas por Nael nos faz perceber um sentimento de rancor com relação a Domingas (sua mãe), que segundo ele lhe omite o conhecimento da identidade do pai. Domingas ainda é concebida por ele como uma pessoa misteriosa, repleta de segredos, o que a torna difícil de ser desvendada. Esse aspecto se configura em um dos motivos para que ela seja retratada de duas formas: ora oculta ao filho, ora próxima a ele. A proximidade materna apresenta-se, principalmente, nas atividades domésticas que lhes eram impostas. Parece-nos que ele se compadecia da situação e sua mãe e lhe ajudava, embora tal situação também se aplicasse a ele, conforme podemos observar:

Era um corre-corre sem fim. Zana inventava mil tarefas por dia, não podia ver cisco, um inseto nas paredes, no assoalho, nos moveis [...]. Eu atrasava as lições de casa, era repreendido pelos professores, me chamavam de cabeça de pastel, relapso ou diabo a quatro. Fazia tudo as pressas, e até hoje me vejo correndo da manhã à noite, louco para descansar, sentar no meu quarto, longe das vozes, das ameaças, das ordens (HATOUM, 2000, p.82-86)

De certa forma, o narrador também nos convida para partilhar esse sentimento de autopiedade, de ser considerado agregado na casa dos avós que não lhe reconheciam como membro da família. Percebe-se que tal sentimento se sobressai e afeta a relação com sua mãe, talvez, por achar que isso tudo não poderia acontecer se não tivessem lhe negado o direito da identidade paterna, isso tudo é compreendido pelos leitores a partir das descrições feitas por Nael, por intermédio da sua memória.

Assim, Lowenthal (1998) afirma que é por intermédio da nossa memória e da memória coletiva que conhecemos o nosso passado, portanto a memória não é produto somente daquilo que nós presenciamos, mas também das coisas que nos são informadas e relatadas. Dessa forma, as trocas de vivências e das lembranças contribuem para construção da nossa identidade, como acontece na obra DI, na qual o conflito acerca da identidade paterna perpassa a memória individual e coletiva apresentada por Nael. À vista disso, parece-nos que ele tenta comover o leitor ao

traçar um papel de vítima no seio familiar, assim, a exploração pelos padrões e os seus problemas emocionais acerca da questão identitária explicam o desejo de vingança e de revolta.

## **O FLUXO DE MEMÓRIA COMO MECANISMO DE PERSUASÃO DO NARRADOR**

Já tendo percorrido sobre a posição do narrador no romance contemporâneo e analisado alguns aspectos da memória individual e coletiva, o presente tópico irá abordar algumas reflexões acerca do fluxo de memória materializado no discurso da personagem Nael, por conseguinte, refletiremos sobre como a utilização de lembranças de outros personagens se configuram em instrumento que contribui para persuasão do leitor, com relação ao ponto de vista do narrador.

Para Nael (narrador-personagem) Domingas possui uma força narrativa menor do que Halim, pois este se apresenta menos obscuro do que aquele e consegue manter o diálogo com ele mais do que sua própria mãe. Quando narrador diz está de “fora” do mundo que narra percebemos uma tentativa de ser imparcial. Porém essa tentativa de neutralidade sofre algumas interferências quando ele expressa sua predileção sobre a pessoa que pode ser seu pai. Portanto, Nael não se constitui em um simples observador, mas em um personagem atuante, um exemplo disso é quando se refere a Domingas e aos acontecimentos que envolve o desvelar de quem é seu verdadeiro pai.

O narrador tenta revelar os aspectos interiores dos personagens ao demonstrar como era a conduta dos mesmos, assim, de acordo com os gestos e o modo de Zana se comportar podemos supor que a antipatia existente entre os dois irmãos procede também do tratamento diferenciado dado aos dois. Portanto ao se referir aos gêmeos Nael salienta o aspecto tímido de Yaqub e o jeito todo desordenado de Omar. Para tanto, ele se apropria das vozes e memórias de Halim, conforme se observa no trecho abaixo:

Certa vez, Halim me disse que Yaqub era capaz de esconder tudo: um homem que não se deixa expor, revestido de uma armadura sólida. De um filho assim, disse o pai, pode-se esperar tudo. Omar, ao contrário, se expunha até as entranhas, e esse excesso era a maior arma de Zana. Eu tentava descobrir qual dos dois tinha atraído minha mãe. (HATOUM, 2000, p. 111-112)



O jeito de agir e de se comportar dos dois irmãos são ressaltados de formas bem distintas pelo narrador com o intuito de demonstrar o quão são diferentes os dois irmãos e, principalmente, para indicar a predileção do narrador em relação a um dos gêmeos. Dois lados representados de forma bem tendenciosa, enquanto Yaqub era um homem tímido, atencioso e gentil (na visão do narrador), Omar era grosso, desdenhoso e prepotente. O narrador escreve, que após a viagem ao Líbano, Yaqub procurava a companhia de Domingas: “Lembrei-me das palavras de minha mãe: ‘Logo que ele chegou do Líbano, vinha conversar comigo. Só ele entrava no meu quarto, só ele dizia que queria ouvir minha história’” (HATOUM, 2000, p. 186).

A proximidade entre as duas personagens (Yaqub e Domingas) se dá no discurso do narrador, mesclando traços de sua memória com a memória de sua mãe:

Eu tinha uma vaga lembrança da voz dele, pois costumava entrar no quarto de minha mãe e falar um pouco, dizia palavras que eu não entendia. O que **me lembro, muito bem, é da pergunta que Domingas lhe fez** quando soube que ele ia morar em São Paulo. Vais levar aquela moça contigo?, perguntou várias vezes minha mãe. Ele não respondeu, saiu do quarto sem dizer nada. Anos depois, **minha mãe me revelou** quem era a moça e me contou que Omar tinha cortado o rosto do irmão por causa dela. (HATOUM, 2000, P. 112, grifos nossos)

Conforme o exposto, podemos perceber que o entrelaçar entre a memória pessoal de Nael e de sua mãe contribui bastante para persuadir o leitor com relação a suposta relação íntima entre Yaqub e Domingas. Através da voz e da memória de outras personagens, Nael vai construindo uma narrativa em torno das predileções com relação a sua paternidade. De certa forma, a memória é utilizada como forma e conhecer o passado narrado através de diversas vozes ligadas à voz do narrador, ao seu ponto de vista. Nesse sentido, o discurso “monológico” característica do romance, conforme escreve Bakhtin (2000), conduz o leitor à adesão de sua história. Ao ser colocado diante de diversas situações, surge um questionamento diante do leitor: afinal, do que o narrador está tentando nos convencer?

O fluxo de memória apresenta-se, portanto, como um dos caminhos apontados pelo narrador para entendermos a sua história. É através da memória que ele tenta convencer o leitor a se compadecer com a história dos personagens, essa tentativa ocorre com o objetivo de fazer que o seu ponto de vista seja aceito por parte dos leitores.

Nael necessita de um discurso bem trabalhado e de respaldo para convencer o leitor que, na verdade, seu pai é Yaqub e não Omar, para tanto ele precisa retroceder às cenas que ele mesmo não presenciou, mas que são fundamentais para comprovar sua opinião. Para tanto, ele se utiliza de uma narrativa extremamente polifônica. Narrativa em que as memórias do outro se confundem com a sua.

Em vários momentos da história Nael se coloca como vítima tentando conduzir os leitores a um sentimento de piedade, isso é visível quando se concebia como “um rastro de filhos de Zana” (HATOUM, 2000, p.28), reclamava “eu não sabia nada de mim” (HATOUM, 2000, p.54) e colocava o irmão caçula (Omar) como se fosse “um inferno até o fim” (HATOUM,2000, p. 65).

Nael tenta descobrir suas origens no cotidiano por ele vivido e apresentado. Um aspecto bastante interessante se refere ao fato de ele só receber o nome no capítulo 9, isso ocorre porque é assim que o narrador deseja. Nael se anula e no fim se nomeia, tendo em vista que, um personagem “sem nome” fica mais tendencioso para que seja uma vítima. Conforme escreve Toledo (2006, p.74)

Na mentalidade oriental, o nome não é uma designação convencional, mas expressão que um ser desempenha no universo. Babel, por exemplo, explicado pela raiz *bil*, confundir. Para os seres humanos o nome de nascimento expressa a atividade ou o destino do seu possuidor: Jesus significa *lahweh salva*. O tem também um papel social: é o renome que a pessoa terá, por isso ter vários nomes, pode significar a importância do homem, que terá vários papéis a desempenhar na sociedade – **logo, não possuir um nome é equivaler a uma pessoa reles.** (grifos nossos)

De acordo com o apresentado, podemos inferir que o fato de Nael aparecer no início da narrativa sem o nome mexe na questão do autoconhecimento e da sua identidade, tendo em vista que o nome tem grande importância na compreensão de si mesmo, faz parte do ser alguém em uma determinada sociedade.

O narrador apresenta-se um ser sem nome, se coloca apenas e agregado à família de Zana e Halim. Nael acompanha Zana em todos os momentos de sua vida se mostrando como um homem que tem compaixão e que é benevolente. O carinho demonstrado por Zana a este no fim de sua vida pode ser considerado como uma recompensa da renegação deste neto. .

Apesar Nael se dizer que é apenas um observador da história ele fala de dentro da história familiar se constituindo em um filho da empregada que não tem

pai. Para comprovar a veracidade da história o narrador se utiliza e cita os depoimentos, discursos e as memórias de outros personagens. O narrador nos aproxima de alguns personagens, como Halim, Yaqub, Zana etc., mas também nos distancia de outros, por exemplo, Omar. Nael se apresenta a favor ou contra de determinados personagens, enfim, Nael se configura na razão da narrativa.

Ao longo da história Nael retrata a desconfiança de que um dos gêmeos seria o seu pai, porém apesar dele saber a verdade acerca da identidade de seu pai ele não revela aos leitores o segredo. Um tempo antes da morte de Domingas Nael declara que ela “guardou até o fim aquelas palavras, mas não morreu com o segredo que tanto me exasperava.” (HATOUM, 2000, p.244).

Domingas confessa que durante a juventude teve um pequeno relacionamento com Yaqub e que certa vez Omar violentou-a, pois “uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, brutalizado. Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão.” (HATOUM, 2000, p.241). A não revelação do nome de seu verdadeiro pai pode ser considerada uma estratégia narrativa com intuito de que o leitor se envolvesse pelos mesmos caminhos ambíguos por ele retratados, culminado em uma história com verossimilhança.

Outro elemento relacionado à identidade do pai de Nael se constitui no fato de que nenhum dos irmãos tenham se comportado como um pai, e isso tenha se configurado em um dos fatores que levou Nael a não ter mencionado o verdadeiro nome do pai. A desconfiança sobre a sua paternidade ocasionou uma vazia que jamais fora preenchido: “O que Halim havia desejado com tanto ardor, os dois irmãos realizaram: nenhum teve filhos. Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos” (HATOUM, 2000, p.264).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O romance *Dois irmãos* retrata um tema bastante comum aos indivíduos, o conflito familiar. Entretanto a forma como o conflito é desenvolvido e expressado faz de *DI* uma verdadeira viagem ao passado e à memória do narrador Nael. A memória representa a interioridade do indivíduo, demonstrando que este é reduzido e que vive isolado em sua própria história. Por ser uma testemunha às vezes ocular, e outrora ausente o narrador de MH recorre a memória de outrem. Assim, Nael se

constitui como personagem em meio a uma constante busca por um lugar no mundo, uma busca de suas origens, de si mesmo. A grande característica de Nael é a capacidade de olhar para o passado por intermédio das lembranças, isso faz do romance *DI* uma experiência de leitura que joga com as memórias das personagens.

Com o auxílio da memória, o passado é contado e resgata-se acontecimentos que se perderam ou se refazem a partir da narração de Nael. Assim, de acordo com o próprio Hatoum (2000, p. 21) “[...] quando acabam todos os caminhos, começam as viagens da memória.”.

A memória e identidade do narrador de *DI* são indissociáveis. Nael a registra na memória o que ouviu no e sobre o passado, exterioriza as lembranças e constrói uma imagem ou como nos propõe Bergson (1999) uma “sensação”. Assim, a memória é a peça chave para a (re)elaboração e/ou (re)constituição da identidade do sujeito. A posição de Nael no romance de MH afirma-se na força de levantar a cortina do passado e revelar sua história e a história de todos que dividem o mesmo espaço com ele. A partir dos relatos de terceiros e das experiências dos personagens, o narrador assimila as diferenças culturais, assim, os aspectos desvelados pela memória se constituem em respostas para seus momentos de descobertas e indignação. Assim, esperamos que estas reflexões possam despertar para a leitura da obra de Milton Hatoum, atentando para a experiência e lembranças pessoas que povoam suas narrativas.

## **ABSTRACT**

This research, bibliographic and literary analysis nature, focuses on the analysis of the novel *Dois Irmãos* of Milton Hatoum siblings in turn, engages readers by portraying the puzzle Nael's father's identity that is narrator-character of the work. Our theoretical framework was established through the contributions of Benjamin (1985), Bakhtin (2000) (1986/1993), Toledo (2004 / 2006), Candido (1989), Alberti (2006), Lowenthal (1988), among others. At first, it is noteworthy that the narrator of the work using the memory of the characters to drive the narrative, and his voice even one that predominates over the narration of the facts. That said, this paper adopts to analyze the role of Memory in the construction and position of the narrator Two brothers Milton Hatoum, as a tool used by him to convince the reader of your point of view about reality. The fact that the narrator does not have knowledge of their paternal identity leads a full search of conflicts, through which he uses memory from other characters to convince the reader of your point of view, that is, about who would be his father, Yaqub and Omar.

**Keywords:** *Dois Irmãos*. Narrator. Memory.

## REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. **Posição do Narrador no Romance Contemporâneo**. Trad.: Jorge de Almeida. In: Notas de literatura I. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2003. p. 55-63.

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, C. B. et. al.(Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética. A teoria do romance**. 3ª ed. São Paulo: Unesp, 1993.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:\_\_\_\_. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIRMAN, Daniela. **Entre-narrar: relatos da fronteira em Milton Hatoum**. 1997. 291 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Autor e narrador. In:\_\_\_\_. **O narrador ensimesmado**. São Paulo: Ática, 1978.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Graal, 1996.

HARDMAN, Francisco Foot. Morrer em Manaus: os avatares da memória em Milton Hatoum. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n° 141, p. 5-16, abr. - jun. 2000.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia de Letras, 2000.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n 17. São Paulo: EDUC, 1998, p. 63-201.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. Narrativas Memorialísticas: Memória e Literatura. **Revista Contemporânea de Educação**, N ° 12, Ago-Dez de 2011. Disponível em: <[http://www.fe.ufrj.br/artigos/n12/11\\_Narrativas\\_Memorialisticas\\_Memoria.pdf](http://www.fe.ufrj.br/artigos/n12/11_Narrativas_Memorialisticas_Memoria.pdf)>. Acesso em 05 de Abril de 2015.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes Ferreira de. **Milton Hatoum: Itinerário para certo relato**. São Paulo: Atiliê Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_, **Entre olhares e vozes: Foco Narrativo e retórica em relato de um certo Oriente e Dois Irmãos de Milton Hatoum**. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.